

Título: POLÍTICAS CULTURAIS E IDENTIDADES: A RESSIGNIFICAÇÃO DO PERTENCIMENTO EM SANTA CATARINA A PARTIR DOS ANOS SETENTA.

José Roberto Severino¹

Palavras chave: Políticas culturais, identidade, diversidade.

Resumo

O esforço aqui é analisar os processos pelas quais grupos imigrantes reconstroem identidades a partir de ações deliberadas de memória e identidade no Brasil contemporâneo. Como fontes são analisadas documentações de eventos de caráter étnico, material de divulgação de processos de produção cultural e políticas culturais, com foco nas identidades de origem entre grupos de imigrantes. A justificativa deste empreendimento de pesquisa deve-se ao fenômeno da contemporaneidade, que comprime espaço e tempo, forçando a novas formações discursivas no âmbito do pertencimento. Ressalta-se também os novos arranjos de pertencimento vivenciados no último quartel do século XX, quando a emergência de políticas de cultura focadas na diferença e na diversidade podem ser observadas a partir das recomendações da Unesco, ou em políticas pontuais do governo brasileiro, a partir da configuração de órgãos como a Embratur, ou do Departamento de Folclore da Funarte, entre outras.

Este artigo busca analisar os processos pelas quais grupos imigrantes reconstroem identidades a partir de ações deliberadas de memória e identidade no Brasil contemporâneo. Como fontes são analisadas documentações de eventos de caráter étnico, material de divulgação de processos de produção cultural e políticas culturais, com foco nas identidades de origem entre grupos de imigrantes. A justificativa deste empreendimento de pesquisa deve-se ao fenômeno da contemporaneidade, que comprime espaço e tempo, forçando a novas formações discursivas no âmbito do pertencimento. Ressalta-se também os novos arranjos de pertencimento vivenciados no último quartel do século XX, quando a emergência de políticas de cultura focadas na diferença e na diversidade podem ser observadas a partir das

¹ Doutor em História pela USP, professor da FACOM/UFBA, pesquisador do CUL/UFBA e DIVERSITAS/UFBA.



recomendações da Unesco, ou em políticas pontuais do governo brasileiro, a partir da configuração de órgãos como a Embratur, ou do Departamento de Folclore da Funarte, entre outras.

Os casos analisados têm como recorte, atividades culturais desenvolvidas a partir dos anos setenta no Brasil, focando em grupos que reinventaram o pertencimento em cidades de pequeno porte no sul do país. As experiências de grupos sociais em colônias alemãs, italianas e japonesas em Santa Catarina exige um olhar transdisciplinar na educação, na comunicação e na história. São analisados trabalhos de implantação de museus, organização de arquivos e acervos públicos e privados, publicações de caráter didático e paradidático de instituições de ensino, bem como de instituições de memória com caráter étnico (brasileiras, alemãs, japonesas e italianas). No campo da produção cultural na difusão e ressignificação das identidades, a festa tem papel relevante. Nelas, os grupos se dão a ver ao próprio meio, mas também se apresentam, a este outro nacional, na produção de um binômio identidade/alteridade bastante interessante do ponto de vista do mercado de bens simbólicos. Foram analisadas atividades festivas em datas representativas em ambas as modalidades (festas do grupo e festas de inserção no âmbito nacional e municipal – como o sete de setembro, as datas estaduais ou o aniversário dos municípios, bem como festas e atos dos países de origem). Lembramos que eventos de caráter público são simbolicamente importantes para os grupos, que passam a disputar espaço nas representações dos cortejos e paradas realizadas localmente.

Neste sentido, observa-se ainda a produção dos lugares de memória nos espaços públicos dos territórios em questão, como ambiência da ritualização do pertencimento em monumentos, pórticos, espaços culturais de visibilidade social, bem como na elaboração do pertencimento supranacional. A produção audiovisual para difusão de linguagens de caráter identitário tem papel central na difusão de modalidades culturais focadas nas identidades. Por fim, são observados os usos dos novos meios nos processos de aproximação e redefinição das narrativas de pertencimento, movimento que tem gerado outras formas de se vivenciar a origem.

Aqui tratamos de um processo de ressignificação identitária entre descendentes de italianos em Santa Catarina a partir do centenário da imigração italiana para o Brasil. Ao longo dos cem anos percorridos entre 1875 e 1975 a presença italiana se deu sempre pelo viés da igreja católica romana e de suas ações junto às populações emigradas, assunto que daria um outro texto. Entretanto, essa presença determinou uma certa organização social pautada na manutenção do catolicismo ultramontano, no rigor dos religiosos e na veiculação da

italianidade², presença que não pode ser ignorada quando se fala de italianidade, na medida em que há uma aproximação das noções de pertencimento que se desdobram do catolicismo vivido nestas comunidades.

A sociedade de capela³ foi o centro gravitacional sócio-político a partir do final do século XIX, motivando a construção dos templos, a criação das comissões para obter do bispo um pároco que os visitasse regularmente, a organização de escolas, intermediando a aquisição de material didático junto aos consulados austríaco e italiano. O papel da capela e a ação das ordens religiosas em todo o Brasil meridional tanto no ensino como na organização dos registros paroquiais permitem pensar a importância que a igreja católica tinha e tem na vida daquelas pessoas, dado reforçado pela quantidade de religiosos ordenados na região, que a configura como um *celeiro de vocações*.⁴

O Governo italiano aqui, por sua vez, apresenta uma constância menor na vida comunitária dos lugares, resultando em representações que aproximam a Itália do Vaticano e consequentemente do catolicismo. Afora as ações do consulado italiano em Florianópolis no que diz respeito ao apoio às escolas paroquiais e laicas no início do século, não foram encontrados indícios de articulação mais efetivos por parte do Reino da Itália na região da pesquisa. Nem mesmo em áreas como São Paulo, com forte concentração de italianos isso pode ser observado⁵. Quando da visita ao Brasil do presidente da Itália Giovanni Gronchi⁶ em

² Sobre a presença de jornais católicos nas regiões de emigração bem como sobre a ação do clero em relação aos emigrados e à italianidade conferir FINOTTI, Antonella. **Clero trentino ed emigrazione tra Otto e novecento**. La stampa cattolica. Tesi di Laurea in Storia d'Italia nel XX secolo. Relatore Prof. Massimo Lagnani. Università degli Studi di Bologna. Facoltà di Lettere e Filosofia. Corso di Laurea in Storia Contemporânea, 1994-95. Análise minuciosa sobre as preocupações do clero quanto ao destino dos emigrados pode ser observada em POSSAMAI, Paulo César. Igreja e italianidade: Rio Grande do Sul (1875-1945), **Revista de História**, n. 141, São Paulo. Depto. de História da USP, 1999.

³ A expressão aparece em SEYFERTH, Giralda. **Imigração e cultura no Brasil**. Brasília: Universidade de Brasília, 1990. A importância disso na vida cotidiana nas comunidades italianas no médio vale do Itajaí conferir DALLABRIDA, Norberto. **A sombra do campanário: o catolicismo romanizado na área de colonização italiana no Médio Vale do Itajaí Açu (1892-1918)**. Florianópolis: UFSC, 1993, Dissertação de Mestrado em História.

⁴ Esta expressão é utilizada no artigo de BALHANA, Altiva Pilatti. Religião e imigração no Brasil meridional. In HOLANDA, H. Buarque de; CAPELATO, Maria Helena Rolim (Orgs.). **Relações de Gênero e diversidades culturais nas Américas**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: EDUSP, 1999. p. 463-474.

⁵ A conclusão de Cenni é a de que somente após a segunda Guerra é que haverá uma tímida aproximação de centros culturais, organização de bibliotecas. Inclusive São Paulo, com grande concentração de italianos, carecia de projetos dirigidos para a população mais jovem, que, segundo ele, não tomavam contato com um *sistema propulsor* da italianidade. CENNI, Franco. **Italianos no Brasil**. São Paulo: Martins Editora, 1971. p. 413

⁶ Presidente da Itália de 1955 a 1962. Gronchi foi o primeiro presidente da Itália a se encontrar com um presidente do Brasil. Fez viagens aos Estados Unidos e a outros países de imigração italiana. Em *Termos de um novo diálogo*, texto que abre o livro de Franco Ceni, se diz que o encontro superou a frieza

1958 pouco se comentou nos municípios. Por outro lado, em São Paulo as manifestações foram de outra magnitude, com a organização de um comitê que estava atuando desde o centenário da cidade (1954) e com a entrega de doações para Universidade de São Paulo pelo próprio presidente Gronchi⁷.

A relação entre organismos da Itália e os descendentes de italianos e trentinos no Brasil parece ter sofrido sensíveis modificações após o Centenário da imigração, tema que procuro analisar neste texto, levando em conta as representações coletivas de pertencimento que se configuram a partir das comemorações em Santa Catarina. Marcadas por narrativas míticas da saga da imigração, tais representações ganharam visibilidade na imprensa local e regional, permitiram projetos de língua e cultura, legitimaram ações. Observa-se um forte pertencimento, como está descrito neste jornal local:

La Civeta: um pouco de cultura histórica. A tendência a crer que a população catarinense é constituída na maioria por alemães já está superada, os estudiosos da nossa origem já provaram que os descendentes de italianos ascendem a um índice elevado. Possivelmente o que deve ter gerado esta confusão foi um fato de um grande número de italianos terem emigrado da Itália com passaporte austríaco, porque até 1870 o território italiano não se constituía nação unificada.

Mesmo depois de sua unificação, duas províncias tinham sido excluídas do poder italiano: uma delas era o Trentino, região regida por administração austríaca. O Trentino ficou sendo chamado de “Tirol Italiano”, por isso os que de lá vieram eram chamados de “tirolezes”, eram, contudo, italianos. Importante lembrar que o Trentino é o berço étnico-linguístico do rodeense, um pequeno território que confina o Norte com a Suíça e a Áustria, e só reconquistou sua unificação com a Itália depois da Primeira Guerra Mundial. Tirolezes do sul, ou tirolezes italianos, eram os do sul de Trento, que falavam o dialeto vênето, ainda hoje preservados nos descendentes. (...) Iracema Moser Cani.⁸

Escrito depois das comemorações do Centenário da imigração italiana para Rio dos Cedros, Rodeio, Nova Trento e Brusque em 1975, esse texto versa sobre o "descobrimento" do

diplomática ao estabelecer um diálogo entre dois países ligados por laços de sangue. CENNI, Franco. Op. Cit. p. 1-6.

⁷ Motivo da criação de um prêmio de literatura para o autor que destacasse a importância da colonização para o Brasil (1958) e posterior publicação do livro de CENNI, Franco. Op. Cit. O livro apresenta um balanço da influência dos italianos na História do Brasil, listando tudo o que se apresenta como tal para o autor, que efetuou vasta pesquisa bibliográfica e documental.

⁸ **JORNAL O CORUJÃO**. Rodeio. Agosto de 1978. Caderno B.

Estado de Santa Catarina pelos Trentinos e seu papel na ressignificação da italianidade na região apreendido pela análise das fontes, na mesma medida que fala da afirmação positiva que passa a compor o mosaico étnico e cultural do Estado de Santa Catarina. Valorização que pretendo ter como fio condutor, partindo de uma história como problema e não como a ciência do passado⁹, este trabalho procura ainda analisar a ação de associações italianas no Brasil, delimitando a emergência de um discurso acerca da italianidade a partir das comemorações do centenário dessa imigração para Santa Catarina, num exercício que busca entender as condicionantes dessa discursividade, das tensões que provoca nas hibridações que efetua, maquina e reifica. A partir de um olhar que busca recuperar a gênese e a genealogia desse processo, busco entender o drama humano da imigração e seu tratamento na contemporaneidade, não como uma generalidade, mas como uma especificidade, no sentido da produção de identidade. Mais precisamente os sentidos que produz um sistema de representação cultural difusamente tratado como italianidade. A consciência da diferença registrada no artigo acima nos permite afirmar que o tema envolveu as comunidades italianas das áreas coloniais do sul Brasil, de modo a criar elos de pertencimento na invenção de tradições específicas.

As reflexões aqui apresentadas não encerram as discussões sobre tema do período em questão, apenas abrem algumas possibilidades de interpretação sobre os mecanismos de integração nas experiências dos imigrantes nos lugares de destino. Por outro lado, as representações acerca do pertencimento nacional passaram por ressignificações a partir de 1966 com a definição de uma política nacional de turismo (criação da EMBRATUR, Conselho Nacional de Turismo e Conselho Federal de Cultura, 1966), da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro (1975), o primeiro Plano Nacional de Cultura e a criação do Centro Nacional de Referência Cultural. Ações que em municípios cujas referências culturais absorvidas aqui no Brasil¹⁰ assinalavam a diferença, como o sentimento de *passion*¹¹, e que em algum momento vai ser chamado de italianidade, nos colocam todo o hibridismo resultante dos encontros de sociedades, muito mais do que a ilusão simplificadora das identidades produzidas por leituras apressadas e reificadas pela avalanche espetacular de imagens e informações tão banalizadas nos dias atuais.

⁹ BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Tradução André Teles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

¹⁰ Jornais regionais, fotos e cartas no Arquivo José Ferreira da Silva, Blumenau; **JORNAL BRUSQUE**, 1950-1970, onde há uma coluna sobre Nova Trento, Arquivos da Sociedade Amigos de Brusque, além de entrevistas com pessoas que atuaram como professores, padres, estudantes.

¹¹ Essa expressão aparece na fala de muitos dos entrevistados como uma dor de perda, como aquilo que dói, lá no fundo. Em italiano padrão ela não significa a mesma coisa, e em português, *paixão* está ligada ao amor intenso. É a dor da perda de um filho na guerra, por exemplo, mas difundido entre os mais velhos como dor do não vivido, ou daquilo que se perdeu.

Bibliografia

ALVIM, Zuleika M. F. **Brava gente: os italianos em São Paulo.(1870-1920).** São Paulo: Brasiliense, 1986.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador.** Tradução André Teles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CENNI, Franco. **Italianos no Brasil.** São Paulo: Martins Editora, 1971.

DALLABRIDA, Norberto. **A sombra do campanário: o catolicismo romanizado na área de colonização italiana no Médio Vale do Itajaí Açu (1892-1918).** Florianópolis: UFSC, 1993, Dissertação de Mestrado em História.

FINOTTI, Antonella. **Clero trentino ed emigrazione tra Otto e novecento.** La stampa cattolica. Tesi di Laurea in Storia d'Italia nel XX secolo. Relatore Prof. Massimo Lagnani. Università degli Studi di Bologna. Facoltà di Lettere e Filosofia. Corso di Laurea in Storia Contemporanea, 1994-95.

FRANZINA, Emilio. **La grande emigrazione.** L' esodo dei rurali dal veneto durante il secolo XIX. Venezia: Marsilio, 1976.

FRANZINA, Emilio. **Mérica! Merica!** Emigrazione e colonizzazione nelle lettere dei contadini veneti e friulani in América Latina. 1876-1902. Verona: Cierre, 1994.

GRANDI, Casimira. Storia di ordinaria emigrazione. Un approccio critico al flusso verso Santa Catarina. **Estratto da Studi Trentini in Scienze Storiche.** Annata LXXX, sez I, n.3, 2001. Trento. p. 487-496.

-----**Verso i paesi della speranza. L'emigrazione trentina dal 1870 a 1914.** Padova: Aldo Francisci Ed, 1987.

HOLANDA, H. Buarque de; CAPELATO, Maria Helena Rolim (Orgs.). **Relações de Gênero e diversidades culturais nas Américas.** Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: EDUSP, 1999.

JORNAL O CORUJÃO. Rodeio. Agosto de 1978.

POSSAMAI, Paulo César. Igreja e italianidade: Rio Grande do Sul (1875-1945), **Revista de História**, n. 141, São Paulo. Depto. de História da USP, 1999.

SEYFERTH, Giralda. **Imigração e cultura no Brasil.** Brasília: Universidade de Brasília, 1990.